

# Políticas, poéticas e práticas pedagógicas (com minúsculas)

## *Politics, poetics and pedagogical practices (with lowercases)*

Sirley Lizott Tedeschi\*

RIBETTO, Anelice (Org.). *Políticas, poéticas e práticas pedagógicas (com minúsculas)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2014.

DOI: [http://dx.doi.org/10.20435/2318-1982-2016-v.21-n.42\(13\)](http://dx.doi.org/10.20435/2318-1982-2016-v.21-n.42(13))

A obra *Políticas, poéticas e práticas pedagógicas (com minúsculas)* organizada por Anelice Ribetto e publicada pela Editora Lamparina/FAPERJ, em 2014, analisa questões que envolvem a educação que, de algum modo, são consideradas menores, pequenas, de menos importância. Escrita em letras minúsculas é coerente com o caráter micro de suas discussões. O caráter micro, no entanto, não significa que essa obra seja pequena ou de pequenos pensamentos, pelo contrário, é uma obra que, conforme Veiga-Neto (2014), arrisca pensar grande sobre coisas que acontecem no mundo da educação e que muitos consideram menos importantes.

Veiga-Neto, no prefácio, diz que o desafio dos autores dos textos que compõem essa obra “é pensar grande para que possam problematizar o microfísico de suas práticas sociais e,

mais especialmente, de suas práticas educacionais” (VEIGA-NETO, 2014, p. 7). De fato, podemos ver nessas pesquisas, que envolvem pesquisadores das diversas regiões do país e do exterior, uma importante contribuição capaz de nos impulsionar na problematização de nossas práticas pedagógicas, não só daquelas práticas instituídas e, de certo modo, naturalizadas, mas especialmente daquelas práticas que consideramos pouco grandiosas.

A ideia, diz Anelice Ribetto na apresentação dessa obra, é fazer palavras como menor, mínimo, micropolíticas, ressoar no campo educacional. Por isso os autores desse livro oferecem “palavras mínimas lançando a suspeita de que o que nos urge é acompanhar quase que tateando, apenas balbuciando processos educativos que se enunciem na minoridade do gesto do

---

\* Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Dourados, MS, Brasil.

encontro pedagógico” (RIBETTO, 2014, p. 12). Desse modo, esse livro é um convite para pensarmos a educação não só a partir das grandes políticas, dos grandes acontecimentos, mas também a partir das coisas pequenas, das coisas ínfimas, do fazer cotidiano da escola, professores e alunos.

A obra está organizada em três partes. A primeira parte intitulada *Políticas nas práticas é poética pedagógica* inicia com o texto *Mínimo, múltiplo, comum* de autoria de Silvio Gallo. Com base em Foucault, Gallo (2014) diz que, na história da ciência, o interesse central foi a relação do conhecimento com a verdade, considerando sempre o nível macro dos acontecimentos. Numa genealogia dos saberes, ao contrário, o olhar recai sobre o micro, mostrando os jogos de poder que permeiam as práticas de produção de saberes. A partir disso, mostra que o caráter ‘macro’ e ‘micro’, ou numa linguagem deleuziana, ‘maior’ e ‘menor’, dizem não de grandezas de tipo matemático, mas de formas de ação. “O maior está relacionado àquilo que é regulamentado, organizado e, portanto, reconhecido. O menor está relacionado com o desregrado, com os fluxos livres, com a invenção a todo tempo, sem ter de prestar contas” (GALLO, 2014, p. 24). Se, no primeiro caso, as ações são limitadas pelas regras estabelecidas e institucionalizadas, no segundo, a ação está para além das regras, potencializando a criação e transformação. A intenção do autor é mostrar a potência do mínimo, do múltiplo e do comum na educação.

O segundo texto a compor a primeira parte dessa obra é de autoria de Rosimeire de Oliveira Dias e se intitula *Trajetórias poéticas por entre formação, arte e escola básica*. Ao buscar, na arte, intercessores para a produção da formação de professores, Dias (2014) promove encontros com aquilo que nos auxilia a dizer, fabricar, constituir, a singularidade da existência. Nesse sentido, produz o campo de interface entre universidade, escola básica e arte como um campo de análise, de intervenção e de produção de práticas de formação de professores na contemporaneidade. Trabalha com a perspectiva de que a potência da formação envolve tudo aquilo que possibilita enfrentar a imprevisibilidade da escola, em decorrência, aposta nas micropolíticas como experimentação ativa. Essa forma de articular universidade, escola básica e arte tensiona modelos de formação vigentes no campo educacional, pois assume a ideia de uma formação inventiva, o que requer a desnaturalização de processos instituídos, a desaprendizagem daquilo que já está dado. Nessas trajetórias, Dias (2014) diz ter encontrado “muitas resistências e oposições, mas também bons intercessores que nos tiram do lugar e nos forçam a pensar para engendrar um pensamento diferenciado nas subjetivações contemporâneas no campo da educação” (DIAS, 2014, p. 46).

O terceiro texto intitulado *As microações afirmativas cotidianas e suas possibilidades emancipatórias*, de autoria de Regina de Fátima de Jesus, traz

para a discussão a noção de *microações afirmativas cotidianas* a partir de experiências vivenciadas e compartilhadas por professores da rede pública de ensino no Município de São Gonçalo, RJ. Com base em pesquisas realizadas entre os anos de 2000 a 2013, a autora coloca em diálogo a noção de *microação afirmativa* com o conceito de *ação afirmativa*, com o intuito de viabilizar possibilidades emancipatórias para a reeducação das relações étnico-raciais. Entende que as microações afirmativas cotidianas são ações de caráter antirracista que têm como lugar o microespaço cotidiano, nesse caso, o microespaço cotidiano escolar, e cumprem um papel de buscar transformar a realidade de racismo. Para a autora, essas ações “visam a superar as relações desiguais no cotidiano escolar, buscando a garantia de oferecimento de oportunidades iguais a crianças e jovens negros/as” (JESUS, 2014, p. 59).

Para fechar a primeira parte dessa obra, temos o texto de Sônia Regina da Luz Matos intitulado *Escrivida na alfabetização*. A autora diz que o texto compõe as micropolíticas do tema *alfabetização de infantis* e faz parte das políticas públicas do Observatório de Educação CAPES/INEP com o projeto *Escrileituras: um modo de ler- escrever em meio à vida*. O projeto operacionaliza “os ateliês de experimentações de escrita-pela-leitura e leitura-pela-escrita” (MATOS, 2014, p. 62) e se constitui – através dos ateliês de alfabetização – num espaço voltado para as crianças que frequentam o primeiro ano do ensino fundamental.

Nesse sentido, a investigação tem a ver com as “montagens dos ateliês e nas amostragens das transcrições, com a pergunta: quais expressões de escrituras são produzidas pelos infantis?” (MATOS, 2014, p. 63). A partir disso a autora destaca que os infantis transcriam a língua escrita e lida a todo o momento; destaca a potência que os infantis têm em transcriar o mundo povoado de signos. Entende “que o próprio mundo é um signo, e o infantil tem aberturas para capturar os signos em muitos espaços, pois, para ele, dentro das palavras há o caos” (MATOS, 2014, p. 68).

A segunda parte dessa obra, intitulada *Poéticas das práticas e das políticas pedagógicas*, inicia com o texto *Lo anônimo, lo efímero y lo mínimo: prácticas educativas entre desconocidos* de autoria de Carlos Skliar. Nesse texto, Skliar (2014) analisa os conceitos de anônimo, efêmero, mínimo e desconhecido – conceitos, em certa medida, ainda alheios ao vocabulário pedagógico – com a finalidade de apresentá-los como centrais nos processos educativos. Propõe construir sentidos para os processos educativos a partir de práticas dirigidas a qualquer um – anônimo e desconhecido – e com ações mínimas ou gestos pequenos considerando o tempo educativo como efêmero, intenso e contingente. Parte da perspectiva de que o anônimo não é aquele que não tem nome “sino quizá el que no desea opinar cuando se le exige, el que no quiere estar sumergido em el aqui y ahora voraz como un relámpago” (SKLIAR, 2014, p. 73). O anônimo, como

todas aquelas crianças, jovens e adultos, pessoas singulares que desejam o silêncio, que buscam afastar-se de seu tempo para imaginar outros tempos, outros lugares possíveis. O efêmero, para esse autor, tem a ver com “el tiempo de la vida”, um tempo sinuoso, multiforme, um tempo que não é reto, que se afasta da linearidade. A educação, muitas vezes, diz Skliar (2014), se afasta deste tempo e com isso perde de vista o único tempo possível, o único tempo humano. Fala de uma “gestualidad mínima” para a educação que possibilite pensar sobre “eso que pasa”, “eso que nos pasa” nos processos educativos. Assim afirma possibilidades de educar, não a “todos” num sentido abstrato, mas a qualquer um e a cada um – seja anônimo ou desconhecido.

Também compõe a segunda parte dessa obra o texto de Anelice Ribetto intitulado *Dos saberes risíveis aos saberes menores da educação*. O texto narra o percurso das inquietações da autora que inspiraram a pesquisa de doutorado em educação, inquietações relacionadas às minoridades na educação.

A minha entrada no doutorado esteve marcada pela intenção de trazer para esse espaço acadêmico a tensão entre a seriedade da educação quando é tomada, e a irrupção de risos desgovernados. Saberes que irrompem mal-educadamente nos espaços reservados à seriedade do ensino. Saberes minúsculos que – sem controle

– desmoralizam e alteram o que parece como moralizante, natural, politicamente correto e bem intencionado. (RIBETTO, 2014, p. 83).

A análise que a autora faz dos saberes – mal-educados, minúsculos, risíveis – mostra a potência criativa do saber menor. Mesmo sem a intenção de se sistematizar e legitimar, mesmo disputando forças com o saber oficial, o caráter menor desses saberes subverte a oficialidade, subverte o hegemônico. Essa perspectiva nos instiga a pensar a escola a partir dos saberes criados no próprio espaço escolar, saberes produzidos nas experiências cotidianas e suas fragilidades. Afinal os saberes menores, “através do riso, do sonho, do êxtase, do delírio, da poesia, quebram em mil pedaços a ideia de Uma realidade, de Um significado, de Uma maneira de produzir conhecimento” (RIBETTO, 2014, p. 97).

*Das variabilidades experienciais da pedagogia: um passeio pelo mundo de Amélie Poulain*, de autoria de Gláucia Figueiredo, fecha a segunda parte dessa obra. Nesse texto, Figueiredo (2014) procura mostrar que a pedagogia e os movimentos pedagógicos, quando tomam por referência os processos experienciais cotidianos, se constituem em um saber transversal e singular. Com base nisso, desenvolve uma reflexão – a partir de cenas do filme *O fabuloso destino de Amélie Poulain* de Jean-Pierre Jeunet – voltada para “as possibilidades de variação e variabilidades fluídas da pedagogia, expressões da potência

criativa e criadora de sua (in)constituição identitária” (FIGUEIREDO, 2014, p. 99). No decorrer de sua reflexão, apresenta como uma primeira variabilidade pedagógica, a articulação entre experiência e aprendizagem. Para a autora, a aprendizagem ocorre efetivamente através de processos experiências, e não a partir de uma perspectiva instrucional. Nesse sentido, a aprendizagem acontece menos por meio instrucional, informacional e conteúdístico, e mais por forças contingenciais e significativas. A segunda variabilidade pedagógica apresentada pela autora conecta aprendizagem a acontecimento. Nesse caso, a aprendizagem é um movimento infinito, turbilhonar, que foge ao controle – não é possível o controle sobre o que o outro aprende. Apresenta como a terceira variabilidade pedagógica a pedagogia como acontecimento que “depende do dado sensível para que possa se realizar” (FIGUEIREDO, 2014, p. 100). É sobre pedagogia-vida que este texto nos instiga a pensar.

A terceira e última parte que compõe essa obra se intitula *Práticas das políticas nas poéticas pedagógicas* e inicia com o texto *Cinco cabeças e um copo de café... (com)fabulações sobre a potência de uma educação menor* de autoria de Carmen Lúcia Vidal Perez. Nesse texto, Perez (2014) apresenta uma pesquisa desenvolvida com crianças da Turma de Aceleração I da Escola Baltazar Bernardino, localizada em Niterói, RJ. Essa experiência com as crianças engendrou, segundo a autora, um fluxo de acontecimentos que a colocaram

diante da singularidade da diferença de uma minoria que destoa. Nesse sentido, as intervenções com as crianças voltaram-se sobre “questões relativas à formulação de novas possibilidades para a ação educativa da escola a partir da revisão-ampliação do conceito de cognição, articulando-o a uma perspectiva político-epistemológica fundada na concepção de injustiça cognitiva” (PEREZ, 2014, p. 120). Pensar com base na injustiça cognitiva possibilita ver as crianças que não aprendem, não como aquelas que possuem dificuldade de aprendizagem, e sim como crianças que buscam outras experiências de aprendizagem, experiências que fogem da lógica que fundamenta e legitima o mérito individual. Para Perez (2014), essas crianças “reexistem na sala de aula trocando o trauma do fracasso pela potência da aprendizagem” (PEREZ, 2014, p. 122).

O segundo texto é de autoria de Maritza Maciel Castrillon Maldonado e se intitula *Saberes ribeirinhos: o pantanal dobrado na alma das crianças que o habitam*. Nesse texto, Maldonado (2014) narra modo de existência de crianças ribeirinhas que moram na Campina, região localizada à margem esquerda do rio Paraguai, na cidade de Cáceres/MT. Nessas narrativas, a autora mostra como essas crianças constroem seus modos de ser e de existir marcados pelos saberes ribeirinhos, saberes nem sempre contemplados nos sistemas rígidos de educação. Diz que “o rio que as crianças veem na Campina não é o mesmo rio que as enciclopédias definem. Não é um

rio universal, é um rio dobrado em suas almas, é um rio singular” (MALDONADO, 2014, p. 129). E as crianças que se banham nessas águas têm seus processos de subjetivação marcados pela singularidade desses saberes.

Finalmente, para fechar a obra temos o texto *Pedagogías de lo nimio* de Carina Rattero. Nesse texto, Rattero (2014) problematiza os discursos pedagógicos com suas finalidades e enunciados totalizadores – “educar o cidadão”, “formar o sujeito crítico”, “fazer do sujeito um homem de bem”. Diz que educar é voltar-se também para o menor, para o dia a dia escolar, e que os professores são também artistas do mínimo. O mínimo

para a autora “no es lo menor, ni es lo menos valioso: es que la enormidad de una tarea, la misma eternidad va construyéndose, trabajosamente, em la fugacidad de cada instante” (RATTERO, 2014, p. 139).

Por fim, podemos dizer que o que atravessa a escrita dos diversos autores desse livro é uma tentativa, como diz Veiga-Neto (2014) no prefácio, de pensar grande sobre o mínimo, o menor, o pequeno, que acontece na educação. Por isso o livro se apresenta como uma micropolítica, que “não é outra coisa senão um efeito de uma intensa experimentação ativa do mundo da educação” (RIBETTO, 2014, p. 11).

### **Sobre a autora:**

**Sirley Lizott Tedeschi** - Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), e Doutoranda em Educação pelo PPGE/UCDB, Bolsista CAPES/OBEDUC.  
E-mail: tedeschils@gmail.com

**Recebido em novembro de 2015.**

**Aprovado para publicação em abril de 2016.**